



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JULHO, DE 2025 - 21H00

Sessão 50 “8 SEMANAS E MEIA” (1986)



«Nove Semanas e Meia», de Adrian Lyne (EUA, 1986), é um filme extremamente curioso, saudavelmente provocatório nalguns aspectos, mesmo libertário num ou noutro ponto. A ideia de onde parte é aparentemente banal: ela é gerente de uma galeria de arte em Nova Iorque, ele é especulador financeiro («compra e vende dinheiro», como ele próprio diz). Não têm, portanto, problemas económicos, sobrevivem desafogadamente numa sociedade de consumo onde se integram sem dificuldades.

Ela está separada do marido e atravessa um período de certa inquietação emocional; quanto ao passado dele pouco se sabe, porque importa deixar pairar o mistério. Encontram-se um dia, cruzam-se nas ruas. Tempos depois, avistam-se de novo, numa espécie de mercado «hippie». Ela parece gostar de um lenço-xaile, passa adiante, mas quando se apresta para comprar uma galinha de madeira que põe ovos, ele entrepõe-se e oferece-lha. Ao lenço também que, entretanto, já tinha consigo. Ela olha-o, ele olha-a, compreende-se que está tudo dito, ela rende-se, como que envolvida por um encanto sem nome, ele lembra-lhe que é perigoso aceitar seguir assim um desconhecido até a um barco ancorado num porto solitário, ela desperta da magia e reage, fugindo. Mas no dia seguinte sabe que o seguirá para onde ele quiser, que fará tudo o que ele lhe propuser, que aceitará todas as suas fantasias, que se abrirá ao seu amor, que rastejará se for preciso, que irá ter com ele a todos os locais que ele lhe sugerir, que ficará à sua espera durante toda uma noite, que permitirá que ele lhe envolva a pele do corpo com o mel que irá aquecer o seu amor, que... Durante «nove semanas e meia», ele e ela habitarão o amor, aprofundando-o, multiplicando os prazeres, descobrindo-se, inventando-se, recriando-se um para o outro. Digamos, resumindo o que não é possível resumir, que o filme acompanha uma história de amor, mas que esta história tende a um absoluto que não é normal; porque não é vulgar, porque de certa forma ignora a normalidade, a ultrapassa, a transcende. Durante «nove semanas e meia» a banalidade de uma história de amor serve de pretexto à sua subtil inversão. O que é bonito de ver, sobretudo, quando os intérpretes que vivem essa aventura sentimental e erótica se chamam Kim Basinger e Mickey Rourke, dois símbolos actuais do cinema «sexy», que são, ainda por cima, dois estupendos actores.



Mas o filme de Adrian Lyne (de quem se conhecia um interessante «Flashdance») é mais do que isso. É a festa dos sentimentos, mas também a festa dos sentidos. Produto final de uma sensibilidade hedonista, «9/2 Weeks» é um filme sobre os prazeres, sobre o prazer, sobre a facilidade de existir, sobre as coisas boas da vida. Desde logo o amor, amizade, o sexo, a comida e a bebida, as belas paisagens, a noite nova-iorquina, as grandes avenidas e os recantos bucólicos, o dinheiro e tudo o que comprou, os belos ambientes sofisticados, a arte... Antigo realizador de filmes de publicidade, Adrian Lyne, que já havia adaptado as suas técnicas ao «musical», realizando um enorme «vídeo clip» em «Flash-dance», consegue, agora, com este seu novo filme, a perfeita coerência entre «meio» e «mensagem», concebendo um vasto filme de publicidade sobre o prazer, o desejo, a fome de viver. Como se sabe, a publicidade tem algumas regras a cumprir. Há que enunciar o produto e chamar a atenção do espectador para ele, suscitando interesse, provocando desejo. Num filme de publicidade não pode ser-se demasiado complexo ao abordar o tema. Há que simplificar, reduzir ao essencial, influenciando o potencial comprador através de sofisticadas técnicas que afectam discretamente, mas profundamente, o subconsciente de quem vê. Há que escolher um tema, despojá-lo de tudo quanto seja acessório, valorizá-lo devidamente, através de uma adjectivação rigorosa, mas encomiástica, e se necessário ser redundante, repisar a imagem, acumular elementos que tendam a criar credibilidade e apetência para a proposta. Chama-se a tudo isto empatia: motivar o desejo do espectador, dirigi-lo mesmo para o supérfluo, que chega a parecer essencial depois de tanto se martelar o inconsciente do elemento receptor com as suas virtudes e vantagens.

Que melhor filme de publicidade pode fazer-se senão um filme sobre o amor: exercer e provocar o desejo do desejo. Tudo em «Nove Semanas e Meia» é dirigido segundo as técnicas da publicidade: a forma como o comer é filmado, como os ambientes são sugeridos, como as personagens são desenhadas, como as situações são desenvolvidas, como tudo se encadeia em movimento e cor, apelando sempre para desejos recalcados. Mas o próprio tema do filme é isso mesmo: o desejo recalcado e liberto. Os caminhos do desejo: acabada a projecção do filme, apetece-nos comer cerejas, lambuzarmo-nos com mel, fazer amor (com Kim Basinger, com Mickey Rourke, com a mulher ou o homem que está ao nosso lado e que amamos), beber vinho, frequentar a Bolsa e os clubes fechados. deixar explodir o amor num vão de escada, à chuva. Se a finalidade da publicidade é resumidamente provocar desejo, nunca um filme foi tão coerentemente escrito, provocando o desejo do desejo. Com a voz de Bryan Ferry por fundo, cantando «Slave For Love». Perfeito. Não é uma obra-prima, mas é um belo filme que dá gosto ver.

Lauro António



NOVE SEMANAS E MEIA

Título original: Nine 1/2 Weeks

Realização: Adrian Lyne (EUA, 1986); Argumento: Patricia Louisianna Knop, Zalman King, Sarah Kernochan, segundo romance de Elizabeth McNeill; Produção: Keith Barish, Mark Damon, Sidney Kimmel, Zalman King, Frank Konigsberg, Richard Northcott, Steven Reuther, Stephen J. Ross, Renzo Rossellini, Antony Rufus-Isaacs; Música: Jack Nitzsche; Fotografia (cor): Peter Biziou; Montagem: Caroline Biggerstaff, Ed Hansen, Tom Rolf, Mark Winitsky; Casting: Nan Dutton, Vicki Huff, Mary Jo Slater, Lynn Stalmaster; Design de produção: Ken Davis; Direcção artística: Linda Conaway-Parsloe; Decoração: Christian Kelly; Guarda-roupa: Bobbie Read; Maquilhagem: David Forrest, Marie-Ange Ripka; Direcção de produção: Randall Badger, John W. Hyde, Roger Paradiso; Assistentes de realização: Stephen A. Glanzrock, Kyle McCarthy, Benjamin Rosenberg; Departamento de arte: John M. Dwyer, Christine Gardyasz, Otto Jacoby, Ron Stone, Keith Wall; Som: Bill Daly, John Duffy, Ken Dufva, Joseph Holsen, Dessie Markovsky; Efeitos especiais: Dan Kirshoff; Companhias de produção: Producers Sales Organization (PSO), Jonesfilm, Galactic Films, Triple Ajaxxxx; Intérpretes: Mickey Rourke (John), Kim Basinger (Elizabeth), Margaret Whitton (Molly), David Margulies (Harvey), Christine Baranski (Thea), Karen Young (Sue), William De Acutis (Ted), Dwight Weist (Farnsworth), Roderick Cook (Sinclair), Victor Truro, Justine Johnston, Cintia Cruz, Kim Chan,

Lee Lai Sing, Rudolph Willrich, Helen Hanft, Michael P. Moran, Raynor Scheine, Olek Krupa, Michael Margotta, Julian Beck, John P. Connolly, Cassandra Danz, Beata Jachulski, etc. Duração: 117 minutos; Distribuição em Portugal: 20th Century Fox; Classificação etária: M/ 18 anos; Estreia em Portugal: 27 de Novembro de 1986.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 28 DE JULHO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“Conta Comigo” de Rob Reiner/ 1986